



Maleta  
Pedagógica

# Os Caramelos

## **FICHA TÉCNICA**

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Palmela/Museu Municipal de Palmela

INVESTIGAÇÃO/TEXTOS

Serviço Educativo

FOTOGRAFIA

Paulo Nobre

ILUSTRAÇÕES

Zé Nova

CONCEÇÃO GRÁFICA E PAGINAÇÃO

Jofra

ISBN

978-972-8497-58-3

# ÍNDICE

Serviço Educativo do Museu Municipal de Palmela	<b>5</b>
Objectivos da Maleta Pedagógica	<b>7</b>
Conteúdos Pedagógicos	<b>9</b>
O Tema	<b>15</b>
Tópicos de Pesquisa	<b>17</b>
Memórias do Habitar – Arquitectura e Vivência Caramelas	<b>21</b>
• <i>Os Caramelos</i>	<b>22</b>
• <i>A Casa Caramela</i>	<b>29</b>
• <i>Construir em Terra</i>	<b>31</b>
• <i>Distribuição das Casas Caramelas</i>	<b>40</b>
Construções de terra. Que futuro?	<b>43</b>
Bibliografia	<b>47</b>
<b>Propostas de trabalho</b>	
<b>A</b> História Infantil “Rafael, o menino que se tornou caramelo” (anexo 1)	<b>53</b>
<b>B</b> Origem do Pinhal Novo (anexo 2)	<b>53</b>
<b>C</b> O trabalho no Museu (anexos 3 e 4)	<b>53</b>
<b>D</b> Arquitectura de Terra (anexos 5, 6 e 7)	<b>54</b>
<b>E</b> Vestuário Caramelo (anexo 8)	<b>54</b>
<b>F</b> Gastronomia Caramela (anexo 9)	<b>55</b>
<b>G</b> Jogos Tradicionais (anexo 10)	<b>56</b>
Fichas de Avaliação da Maleta Pedagógica (anexos 11 e 12)	<b>57</b>

# SERVIÇO EDUCATIVO DO MUSEU MUNICIPAL DE PALMELA

O SE do Museu Municipal de Palmela procura ir ao encontro das necessidades da Comunidade Educativa do concelho, sabendo que só assim atingirá os objectivos a que se propõe, descritos na sua Missão e Visão.

## **VISÃO**

O Serviço Educativo desenvolve acções no âmbito da Educação Patrimonial, visando promover a democratização do saber através do alargamento e diversificação de públicos e actividades e da aposta na Qualidade, na eficiência e na melhoria contínua.

## **MISSÃO**

O Serviço Educativo comunica aos diferentes públicos os conhecimentos adquiridos pelos investigadores, sendo o rosto mais visível do Museu Municipal; na sua prática educa para o conhecimento, valorização e preservação do Património Local, através de uma acção que incentiva a integração e a participação de toda a comunidade.

É no Serviço Educativo que reside a essência do serviço público do Museu Municipal.

# OBJECTIVOS DA MALETA PEDAGÓGICA

Um Museu nunca pode estar só. A comunidade para a qual se destina deve ser uma participante activa no processo museológico, que é o de investigar, informar, expor aos sentidos, desenvolver actividades lúdico-pedagógicas.

Esta maleta pedagógica visa partilhar as actividades que o Museu Municipal desenvolve, especificamente o projecto de investigação sobre a Cultura Caramela. Embora a temática seja abrangente, incluindo vários sub-temas tais como o trabalho, a alimentação, a religião ou o quotidiano, não importa aqui adensar a informação, o que tornaria o documento extremamente extenso, desviando-nos do objectivo principal, que é o de caracterizar de uma forma geral o projecto, e determinar o seu conteúdo mais imediato.

Este documento é um instrumento de trabalho para professores e alunos; incluímos um texto técnico, que ajuda a caracterizar os caramelos no tempo e no espaço, e descreve a Casa Caramela abordando os métodos e técnicas de construção.

Salientamos a importância das construções em terra, quer numa perspectiva histórica, quer perspectivando o futuro através do texto “Construções de Terra. Que futuro?”.

Considerando que o trabalho na sala de aula está condicionado pelas formalidades de cada currículo e pelo tempo de que se dispõe para trabalhar e envolver os alunos, integramos neste dossier algumas propostas de trabalho.

Por fim, fornecemos uma lista de bibliografia, para que possam, autonomamente, aprofundar o tema.

Sempre que possível, gostaríamos de receber as vossas críticas a este instrumento didático-pedagógico para o melhorarmos em futura edição.

**BOM TRABALHO!**

# CONTEÚDOS PEDAGÓGICOS

## A MALETA PEDAGÓGICA E AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES DO ENSINO PRÉ-ESCOLAR

Exemplos da utilização dos diferentes materiais de acordo com os conteúdos escolares<sup>1</sup>

### ÁREA DE FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL

- › Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, num respeito pela pluralidade de culturas e a criação de uma consciência como membro da sociedade (ex: *descoberta das diferenças culturais locais e da história e estórias da localidade, numa aprendizagem pelo respeito pela diferença e pela salvaguarda do património colectivo*)
- › Despertar a curiosidade e o espírito crítico (ex: *reflectir e questionar sobre diferentes formas de utilização sustentável de energia, fomentando uma atitude pró-activa pelo ambiente*)
- › Incentivar a participação das famílias no processo educativo (ex: *recolha de memórias, junto dos familiares, para análise sobre os diferentes modos de agir e pensar o mundo, em épocas distintas*)

### ÁREA DO CONHECIMENTO DO MUNDO

- › Fomentar as relações com os outros, num processo de descoberta e de construção da identidade pessoal (ex: *incentivar o trabalho em grupo, e a partilha de resultados do trabalho desenvolvido, num processo de permanente interacção com os outros*)



### ÁREA DE EXPRESSÃO/COMUNICAÇÃO

- › No domínio das expressões (ex: *realização e construção de jogos tradicionais*)
- › No domínio da linguagem e abordagem da escrita (ex: *percepção sobre a existência de diferenças entre um texto escrito lido e o discurso oral fluído [entrevista]*)
- › No domínio da matemática (ex: *exploração de modelos geométricos a partir de diferentes habitações*)

<sup>1</sup> Adaptado de: Despacho n.º 5220/97 de 10 de Julho de 1997 (2.ª série) – Aprova as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.



## A MALETA PEDAGÓGICA E AS ÁREAS CURRICULARES DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Exemplos da utilização dos diferentes materiais de acordo com os conteúdos escolares<sup>2</sup>

### LÍNGUA PORTUGUESA

- › Recolher património oral (ex: técnica de entrevista)
- › Desenvolver a capacidade da retenção da informação oral (ex: identificar intervenientes das entrevistas)
- › Desenvolver competências de Escrita e de Leitura (ex: construção de um livro de memórias)

### MATEMÁTICA

- › Explorar modelos geométricos (ex: arquitectura da casa caramela)
- › Estabelecer relações entre factos e acções temporais (ex: vivências caramelas/vivências actuais)
- › Desenvolver estratégias pessoais de resolução de problemas (ex: análise de uma história)

### ESTUDO DO MEIO

- › Valorizar a identidade pessoal (ex: construção do auto-retrato)
- › Identificar os principais elementos do Meio Social envolvente (ex: recolha de informação sobre a família, escola, colectividades,...)
- › Reconhecer e valorizar o património histórico-cultural (ex: visitas ao património local; recolha de dados sobre aspectos da vida quotidiana dos caramelos)

### OUTRAS EXPRESSÕES

#### 1. Plástica

- › Descoberta e organização progressiva de volumes (ex: construção de brinquedos tradicionais; maquete da casa caramela,...)
- › Descoberta e organização progressiva de superfícies (ex: desenho livre da sua casa e da casa caramela)

#### 2. Musical

- › Experimentação, desenvolvimento e criação musical (ex: identificação de sons do meio envolvente; entoar lenga-lengas, adivinhas e provérbios; recolha de canções tradicionais)

#### 3. Dramática

- › Jogos dramáticos (ex: recriar um dia trabalho; uma viagem de comboio ou a confecção de uma refeição)

### ESTUDO ACOMPANHADO

- › Construção de instrumentos de trabalho para a realização das actividades (ex: planos de trabalho; grelha para registo de informação recolhida; produção escrita da informação recolhida; organização de cartazes, livros, ...)

### TIC

- › Utilização de meios audiovisuais para pesquisa de informação
- › Utilização do computador para produção de trabalhos

### ÁREA DE PROJECTO

- › Contribuir para um saber integrado e desenvolver o espírito de iniciativa e hábitos de organização e autonomia dos alunos (ex: planificação, execução e avaliação das actividades em conjunto – alunos/professores)

### EXP. FÍSICO-MOTORA

- › Participação e cooperação em jogos e exercícios compreendendo e aplicando as regras de jogo e os princípios de cordialidade e respeito pelo próximo (ex: realização dos jogos/brincadeiras caramelas)

### FORMAÇÃO CÍVICA

- › Contacto com Pessoas, Instituições e Equipamentos sociais da comunidade local
- › Discussão de problemas/debate de questões relacionados com o tema

**MALETA PEDAGÓGICA**  
OS CAMELOS

# O TEMA

Grande parte da história do concelho de Palmela está por contar. É natural que assim seja pois a complexidade do assunto não permite que se adoptem posições dogmáticas, nas quais a verdade é postulada como se ela própria fosse uma evidência estática, um dado adquirido. A verdade resulta de um processo de construção, como se de um grande puzzle se tratasse, onde peças, que muitas vezes não parecem encaixar-se, vão compondo, delineando novos contornos.

Embora a abordagem cultural do concelho possa ser feita em diversas vertentes e temáticas distintas, neste caso, iremos tratar os Caramelos. Estamos na presença de uma população com um profundo enraizamento na localidade, tão mais importante se destacarmos que esteve na base da criação de grande parte do mundo rural do concelho, nomeadamente da freguesia que é hoje Pinhal Novo.

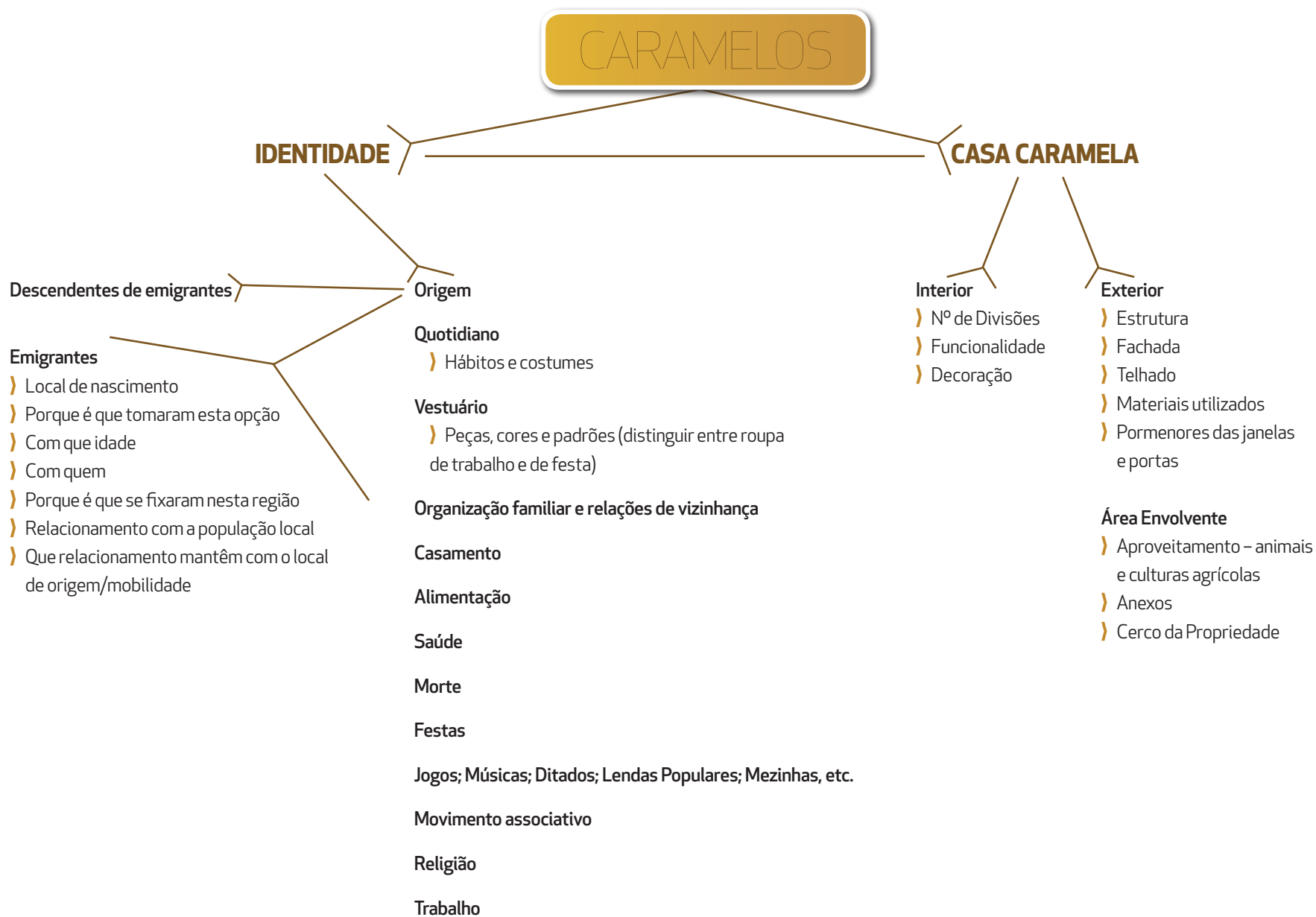
De forma mais ou menos académica, mais ou menos popular, foram sendo feitas várias pesquisas sobre esta matéria. Salienta-se a importância dos Ranchos Folclóricos e de alguns autores, tal como António Matos Fortuna, Aníbal de Sousa, José António Cabrita, Mário Balseiro Dias, Luís Marques, entre outros, que têm contribuído para um maior conhecimento sobre o assunto.

É importante, também, salientar o contributo da memória oral, o que se fala de boca em boca, o que não se deixa cair no esquecimento. Neste contexto verificam-se variações, reflexo do pensamento de cada época. Se em tempos não muito

distantes o apelativo caramelo tinha uma conotação pejorativa, sendo utilizado para caracterizar pessoas do meio rural que era desvalorizado, hoje o “ser caramelo” é sinónimo de se ser alguém com raízes culturais profundas ao território.

O Museu Municipal desenvolve uma investigação com uma componente de recolha de fontes orais junto de alunos do Ensino Recorrente da zona de Pinhal Novo, Lagoa da Palha e Palhota, descendentes das gerações dos primeiros migrantes caramelos na região, ainda com uma memória muito viva sobre estas vivências. Foi a partir desta investigação, que estabelecemos alguns tópicos de pesquisa que consideramos pertinente apresentar nesta maleta, já que poderão contribuir como propostas de exploração no âmbito do projecto educativo da Escola.

# TÓPICOS DE PESQUISA



# MEMÓRIAS DO HABITAR – ARQUITECTURA E VIVÊNCIA CÂRAMELAS

*O Património Cultural de um povo compreende as obras dos seus artistas, arquitectos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anónimas, surgidas da alma popular, e o conjunto de valores que dão sentido à vida, isto é, as obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo; a língua, os ritos, as crenças, os lugares e monumentos históricos, a literatura, as obras de arte e os arquivos e bibliotecas.*<sup>3</sup>

A globalização, hoje elemento incontornável da sociedade em que vivemos, permite que a informação atravessasse fronteiras, tão rapidamente como um instante do olhar. Os novos meios de comunicação ganharam uma nova dimensão, porque em tempo real, a pessoa passou a ter acesso ao que se passa noutros locais do mundo, possibilitando uma partilha de conhecimento até hoje nunca vista. Todavia, este mundo global conduz também ao esquecimento.

O Património Cultural revela a identidade de um povo, a sua especificidade, pelo que é imperativo que seja reconhecido, entendido, valorizado. Nesse sentido, o

---

**3** In Definição elaborada pela Conferência Mundial da UNESCO sobre o Património Cultural, celebrada no México em 1982.

Museu Municipal de Palmela leva a cabo um conjunto de projectos de investigação, que tem, entre outros, um objectivo muito claro: contribuir para o conhecimento e valorização da identidade cultural da nossa região – numa corrida contra o tempo, contra o esquecimento.

O projecto **A Cultura Caramela – Memórias do habitar e da vivência Caramela** é disso exemplo. Através de um estudo histórico e cultural exaustivo, o Museu pretende recuperar vidas, hábitos, sentires e compreender a importância dos caramelos para a região.

Esta investigação, pela contemporaneidade do seu objecto de estudo, permite um contacto directo com as poucas pessoas que ainda recordam, com alguma nitidez, parte deste passado. Assim, é nosso objectivo dar voz aos que contribuíram e ainda contribuem para enriquecer, através das suas vidas, o nosso património cultural numa viagem pelas suas memórias.

## OS CAMELOS



*“O acto de migrar redefine uma história.”*

(Ejackson, 1986)

Falemos primeiramente no presente, altura em que se assiste a um momento de apropriação da denominação *Caramelo*.

Pinhal Novo é a freguesia do concelho de Palmela que mais se desenvolveu nas últimas décadas. Com uma história recente, toma hoje em dia a forma de um considerável núcleo urbano, com uma população jovem, descendente de migrantes originários de diversos locais como o Algarve, Alentejo e Beira Litoral. Este crescimento demográfico, em poucas décadas, transformou completamente o rosto do lugar. Imaginemos o nosso próprio rosto, se, em pouco mais de algumas semanas, apresentasse transformações tão evidentes. Se os olhos outrora castanhos ficassem azuis, o cabelo liso dê-se lugar a longos caracóis, os lábios ligeiramente finos, se tornassem volumosos... certamente nos sentiríamos perdidos perante o nosso novo eu desconhecido, e seríamos levados a parar por um momento para reflectir sobre a nossa identidade, procurando reencontrarmo-nos. É o que sucede em Pinhal Novo, obviamente que de uma forma muito mais complexa, nestes tempos de mudança apressada, em que a identidade do lugar e a conquista do espaço social passa pela busca da sua origem, dos seus antepassados. Assim, para além da forte componente operária/ferroviária, a cultura caramela assume-se actualmente como uma identidade colectiva de um grupo, sem a qual, o indivíduo se sente perdido, confuso.

Esta nova dinâmica é evidente até para os olhares mais distraídos, bastando visitar alguns eventos culturais da região para imediatamente sermos confrontados, de uma maneira sem igual na história deste povo, com a evocação permanente desta cultura caramela. Importa falar aqui na contribuição dos ranchos folclóricos, das associações culturais e dos estudiosos da região, que já há alguns anos tomaram consciência desta necessidade, tendo investido na recuperação das suas raízes culturais.

### **De Caramelos de ir-e-vir a Caramelos de Estar**

Regressemos agora ao passado, falemos do povo da Beira Litoral.

Pinhal Novo, na segunda metade do século XIX, era um local despovoado, de grandes pinhais inférteis que alimentavam o gado da região e o mercado de lenha de Lisboa. Quando José Maria dos Santos (1831-1913) casou com D<sup>a</sup> Maria Cândida, herdeira da propriedade de Rio frio, iniciou o arroteamento das terras, tornando-as produtivas. Devido à extensão de terreno e à quantidade de trabalho necessário



para tão grande tarefa, e tratando-se de um lugar desabitado, foi necessário recrutar grande quantidade de mão-de-obra vinda de outras paragens. Estes trabalhadores, que, nos locais de origem tinham grandes dificuldades económicas e poucas perspectivas de futuro, viam na migração, resposta para os seus problemas.

Na Beira Litoral <sup>4</sup>, mais propriamente na zona da gândara – local de terreno arenoso, pouco fértil – existia já o hábito de migrar para outros locais a sul do Tejo <sup>5</sup>. Num complexo sistema de recrutamento, José Maria dos Santos tinha “contratadores” que percorriam as distantes aldeias da Beira, batendo de porta em porta para angariar possíveis trabalhadores.

*“Ele [contratador] é que corria as terras, arranjar, falar com as pessoas... Atão andava já contratado por esta gente daqui de Rio Frio, do José Maria dos Santos, pra arranjar x de pessoas, eram cinquenta pessoas cada malta que trazia, era sempre cinquenta...”*  
(Belmira Marques, 2003).

Apenas com uma mala de madeira contendo duas mudas de roupa e alguns alimentos, os chamados “caramelos de ir-e-vir” – com o acesso facilitado desde a inauguração da linha férrea em 1861 – vinham trabalhar para Rio Frio por temporadas, chegando por altura da vindima e regressando à terra natal para festejar o S. João.

*“Vim para cá com onze anos. Porque lá na nossa terra não havia trabalhos. O que se trabalhava lá era só pocadinhos de terra que*

---

**4** A origem deste povo estende-se, basicamente, entre Aveiro e a zona sul de Leiria, nomeadamente: Mira, Cantanhede, Tocha, Cadima e Pombal.

**5** Embora neste artigo nos reportemos apenas ao concelho de Palmela, António Fortuna encontrou, com a data de 1613, um registo na paróquia de S. Lourenço de Azeitão, que se refere ao baptismo de um caramelo. Também em 1791, o desembargador Joaquim Pedro Gomes de Oliveira, natural de Azeitão, numa análise apresentada à Academia das Ciências, observou: “... o que mostra ser muito antigo o uso que ainda actualmente existe, de vir todos os anos estabelecer-se ali muitos homens da província da Beira que, acabados os trabalhos das vinhas, voltam os mais deles para a sua pátria” (Fortuna, 1997). Estes documentos revelam que a migração do povo da beira litoral para o sul, tem origens antigas, sendo que, depois de Azeitão, foi o concelho da Moita o segundo local de destino e posteriormente, o concelho de Palmela.

Nesta busca de melhores condições de vida, estão subjacentes os sentimentos de esperança e de crença, pelo que Aníbal de Sousa encontrou no Círio da Carregueira (na romaria à N.ª Senhora da Atalaia) a mais antiga expressão associativa da região, que data de 1833.

*cada qual tinha pra seu cultivo, pra viver, não é?, pra uma pessoa viver. E toda a gente vinha. Eu maiormente até nem tinha grande precisão de vir, porque eu até era filha única e acabei por vir eu sozinha muito pequenina... Porque vinha o rancho, aquelas maltas, chamavam as maltas, não era rancho, era as maltas de caldeira aberta que se chamava, que era de comerem nas caldeiras.”*

(Belmira Marques, 2003)

Eram tempos difíceis, em que crianças e adultos trabalhavam de sol a sol nos diversos trabalhos agrícolas necessários ao ciclo produtivo da grande herdade.

*“Esses vinham ganhar – rapazitos com dez, onze, doze anitos – cinco escudos, cama e mesa. A cama era a malhada como a gente tínhamos e a mesa era um caldeirão grande (...), que era farinha de milho com hortaliça migada – comida prós porcos! – e algum feijão seco. Depois, faziam três filas, o caldeirão no meio, faziam três filas, chegava ali tirava uma colher de sopa, uma colher daquela mistela, metiam na boca e iam pá fila lá pa trás, quando chegassem a meter a segunda colher de sopa na boca, já a outra já não tava lá, já não existia. E ao jantar tinham então uma marmitazinha. Iam ao caldeirão, tiravam prá sua marmita e cada um comia na sua marmitazinha...”*

(Fernando Crespim, 2002)

Com uma fila de tarimbas<sup>6</sup> de cada lado, a “Casa da Malta” ou “malhada” era o local onde os trabalhadores pernoitavam.

*“Aqui em Rio Frio tinha o meu que era o das mulheres, e tinha dois dos homens... Esses rapazes que já eram, parece que era de quinze anos para cima iam pós homens, já não vinham junto com as mulheres. De quinze anos pa baixo é que andavam juntos com a gente...”*

---

**6** Nestas estadias sazonais que duravam 9 meses, os migrantes dormiam em pequenos estrados de madeira cobertos por colchões de palha.

*Dormiam no nosso quartel mas numa parte separados... Suponhamos que a casa tinha esta largura [13m<sup>2</sup>] aqui passava, era o corredor ao meio, prá li eram as tarimbas deles, que aquilo eram umas tarimbas assim no ar, não era camas!, eram tábuas todas pregadas todas seguidas. Aqui tinham um murozinho de madeira pá palha não cair e era em palha de arroz. Cada qual trazia a sua mantinha, o seu cobertor,... pra dormir naquela palhinha e depois cada um ajeitava a caminha à sua maneira. Só que as pessoas que tinham habilidades de sacas, de sacas do arroz, fazíamos colchões e metíamos a palha lá dentro. Eu fiz isso... De duas sacas, descosia-as e depois fazia, mas nunca dormíamos uma rapariga sozinha, era às duas, na mesma cama, no mesmo colchão... A gente fazia o colchão, desmanchávamos a saca, fazíamos o colchão e depois púnhamos a palha lá pra dentro, e depois prontos, era aquela a nossa caminha, já tava limpa, já tava à nossa maneira."*

(Belmira Marques, 2003)

Era à noite, após o trabalho, que os trabalhadores se juntavam para conviverem, dedicando alguns dias da semana aos bailes.

*"Umás vezes era a toque de realejo, aquelas gaitas-de-beiço, e outras vezes havia um acordeonista. A gente lá se ia divertindo [risos] e [além da luz do lume] havia os candeeiros a petróleo, pendurados à porta do quartel, um em cada quina da porta..."*

(Belmira Marques, 2003)

Este grande fluxo de migrantes e de trabalhos transformou, no início do século XX, Pinhal Novo no mais importante entroncamento ferroviário a sul do Tejo, local onde desembarcavam cerca de 12 433 toneladas de mercadorias, servindo 43 340 passageiros, e Rio Frio, na maior vinha do mundo.

Num país fortemente rural, e com desequilíbrios graves no que respeita à distribuição da riqueza, o visionário José Maria dos Santos, compreendendo a importância do apego à terra, impulsionou um sistema de foros que permitiu que grande parte dos migrantes se fixasse nesta zona. Através do pagamento de uma renda fixa

os rendeiros adquiriam um terreno, construíam uma casa, plantavam uma horta, abriam um poço, tornando-se, após a sua morte, proprietários destas terras.

**“A luta pela sobrevivência era a primeira preocupação dos trabalhadores temporários. Ser permanente era uma meta mas a grande ambição era possuir uma parcela de terra que pudesse assegurar uma vida de velhice mais tranquila.”**

(Baptista, 1993)

Este período foi um importante momento de viragem no desenvolvimento social da região. A partilha de terras fez com que os trabalhadores, sujeitos às precárias condições de trabalho e de vida, se pudessem tornar eles próprios proprietários. E ser proprietário é entrar numa nova dimensão social, alcançar um novo estatuto. A ligação à terra passa a ter um carácter mais forte e o indivíduo apropria-se do espaço, que passa a sentir como seu, transformando-o, construindo-o à sua imagem.

Deu-se início à colonização interna e os outrora “caramelos de ir e vir”, tornaram-se “caramelos de ficar”.

A colonização teve mais expressividade em alguns locais do concelho, especialmente na zona rural que envolve a vila de Pinhal Novo: Carregueira, Fonte da Vaca, Venda do Alcaide, Palhota, Vale da Vila, Olhos d'Água, mas também Lagameças e Poceirão, onde existe uma rua que se denomina precisamente, Aceiro dos Caramelos.

Mas a migração humana não é um processo pacífico. A complexidade da mobilidade humana e a sua fixação num diferente território acarreta inúmeras reconfigurações, num confronto permanente entre um passado recente num lugar distante, e um presente que se constrói, mais do que nunca, a cada instante. Este processo obriga a que a identidade, produto das relações entre um povo e o espaço que habita, se redefina constantemente. Policarpo Lopes fala do “Homo mobilis”, que de forma consciente ou inconsciente, desenvolve estratégias de negociação com o objectivo de regular a bilateralidade de referências da nova dinâmica social. São estratégias que passam por um ajuste permanente, entre o que não se quer abdicar (as suas próprias referências identitárias), e os novos elementos que o indivíduo tem de assimilar para poder sobreviver socialmente. Desta dinâmica surge uma



nova identidade, diferente da do local de origem, mas também distinta da que até aí existia no local de destino.

No concelho de Palmela, os caramelos são o exemplo por excelência desta forma de apropriação do espaço. O grande fluxo migratório e a posterior ocupação do território permitiu que se tornassem agentes de mudança e contribuísem decisivamente para a construção de parte do que somos. Apesar da denominação ter uma origem desconhecida<sup>7</sup>, a cultura caramela tomou forma e tornou-se parte integrante da vida e da paisagem do concelho, contribuindo não apenas com fac-

<sup>7</sup> Os migrantes só passavam a ser caramelos, no momento em que chegavam à nossa região. Nos seus relatos dizem desconhecer completamente o que terá originado tal nome, e o mesmo sucede com os habitantes locais.

tores ideológicos, mas também materialmente, ao fazer surgir novas construções que habitam o espaço, que é ele próprio testemunho representativo desta evolução dos tempos. Os tijolos de barro que espreitam nas brechas da cal, as telhas que persistem em olhar o céu, os fornos frios e silenciosos que sonham com o crepitar do lume e os loureiros que fazem sombra ao viajante que passa, testemunharam o início de um novo tempo, e são, ainda hoje, marcas desta ocupação ordenada.

## A CASA CAMELA



*Casa situada na Carregueira, freguesia de Pinhal Novo.*

**“A casa é vivida não somente através do pensamento mas através do sonho, tornando-se uma imagem onírica. A imagem da casa é o mapa dos locais da nossa intimidade, uma espécie de topologia que situa os vários fragmentos da memória.”**

(Gaston Bachelard)

O sentimento de pertença ao local é preponderante para o sucesso do processo de colonização. Para que este sentimento tenha lugar é necessário não apenas estar, mas habitar verdadeiramente o espaço, o que compreende a existência de um lar

onde a família partilhe as emoções do dia-a-dia. Assim, a casa tem uma importante função integradora na reconstrução da identidade, tornando-se, quando criada de raiz ou adaptada pelo migrante, uma representação simbólica da apropriação do território.

Estamos convictos de que podemos falar de uma arquitectura tipicamente caramela, inexistente em qualquer outro local do país. É sobre este tipo de habitação que trataremos nas linhas que se seguem, numa descrição que aborda a sua estrutura, forma, interior, anexos, métodos e técnicas de construção.

A casa Caramela inscreve-se no que João Cravo caracteriza ou define por estilo Chã: simples e funcional, despida de ornamentos, fundamentalmente estrutural e estruturante. É uma casa térrea, elementar, de planta rectangular com reduzidas dimensões, e sobretudo, com um carácter funcional muito acentuado.

Toda a sua disposição estrutural resulta da necessidade do povo caramelo em facilitar e simplificar as tarefas quotidianas inerentes ao acto de habitar um espaço<sup>8</sup>. A casa não era entendida como é hoje: um espaço de convívio, de estar e descansar. Vivia-se na rua, os pais trabalhavam de sol a sol, as crianças que ainda não tinham idade para labutar brincavam perto de casa esperando o regresso da família, e os bebés acompanhavam as mães para poderem ser amamentados.

*“Outras [mães] traziam [bebés] num burrito e punham pedras dentro de um caixote e punham a criança dentro do outro... e a criança ó depois punham lá debaixo de uma cepa a dormir.”*

(Benilde Lagarto, 2004)

A casa era apenas utilizada para as actividades elementares como dormir, confeccionar as refeições e desempenhar algumas actividades necessárias ao bem estar quotidiano, tal como costurar, secar a roupa para o dia seguinte – *“Entigamente a gente só tínhamos uma muda de roupa... E depois vinham muito suadas e muito*

---

**8** Embora as parcas condições económicas pudessem, à primeira vista, servir de justificação para este tipo de construção simples e pobre, deparamo-nos com casas, em tudo idênticas, mas propriedade de famílias com alguma disponibilidade financeira. A única distinção prende-se com o número e dimensão dos anexos que compõem a fazenda, nomeadamente a adega, que sendo muito frequente, na maior parte das casas reduzia-se a um pequeno anexo, onde se fabricava vinho para consumo doméstico, enquanto que noutras, a sua dimensão demonstra a importância do monte para a região.

*suja, lavavam num alguidarinho ou num tanque e ó depois punham assim numas cadeiras de volta do lume a enxugar pó outro dia levar.” (Benilde Lagarto, 2004) e fazer a limpeza do espaço, tarefas que cabiam exclusivamente à mulher.*

A própria matéria-prima traduz esta necessidade de facilitar a construção de uma habitação que dispensava requintes: a terra.

## CONSTRUIR EM TERRA

A arte de construir em terra é própria de locais onde existe escassez de pedra e representa uma das mais antigas formas de arquitectura, sendo também característica dos povos mediterrâneos, nos quais se insere o sul de Portugal.

Existem dois métodos/técnicas de construção: a taipa e o adobe. Falemos apenas no segundo, visto que é o método utilizado na arquitectura caramela.

**Adobe**, é uma palavra de origem árabe ou berbere que designa tijolos de terra crua preparados em moldes. São a base da arquitectura de grandes civilizações mundiais, tal como a Mesopotâmica e a Egípcia.

A escolha deste tipo de material, por parte dos migrantes vindos das Beiras, deve-se a factores de ordem económica e cultural. Tratando-se de trabalhadores rurais com poucos bens económicos, José Maria dos Santos fornecia gratuitamente a matéria necessária à construção das habitações. Em determinados dias da semana, os rendeiros dirigiam-se à herdade de Rio Frio onde pediam permissão ao patrão para recolher algum barro das suas terras.

Para além da disponibilidade deste material construtivo, a opção de construir em adobes, é também fruto do próprio processo migratório. Ao observarmos o mapa da figura seguinte, percebermos que a taipa é a técnica de construção mais comum no sul de Portugal. Por outro lado, verificamos na Beira Litoral, nomeadamente no distrito de Viseu, a prática de construir em adobe.

A adopção desta técnica na região de Palmela representa assim, a materialização e objectivação de uma identidade, que, fruto da sua herança cultural, resultou numa habitação distinta das de mais, a que actualmente denominamos por casa de tipologia caramela.





“As medidas do tempo, do gesto e do movimento que regem as formas do espaço e que são razão simbólica ligada aos ritos e aos ritmos intemporais; eram as medidas do homem: o pé, o palmo, a braça...”

(Alberto Alegria, 2000)

Não eram os colonos, que, sozinhos erguiam paredes e telhados. Em cada lugar existia pelo menos um homem que sabia a arte da construção. O “Mestre”<sup>9</sup> possuía as características indispensáveis a esta profissão, porque entre outras, era corajoso, audacioso, habilidoso e rude.

*“Eram quase todos assim pessoas corajosas, pessoas arrojadas...  
ficavam sempre pessoas [importantes]. Naquela altura ficavam  
com o nome na história.”*

(Joaquim Cavaleiro, 2004).

E era na Primavera, início do Verão, que os novos habitantes destas terras iniciavam a construção das suas habitações. Nos locais determinados por José Maria dos Santos, eram abertos grandes buracos, os “covados” ou “alagoas”, onde o Mestre, com a colaboração dos colonos, extraía a terra. A técnica consistia em retirar o barro ao nível abaixo da terra arável, onde, pela sua composição, tinha uma maior plasticidade e compressibilidade, permitindo que se moldasse facilmente. Depois, com a ajuda de uma enxada que regulava o volume de água, era amassado com os pés, tarefa na qual as crianças também participavam sendo que, habitualmente, se juntava à massa areia ou palha para que ganhasse maior consistência e evitasse rachar, durante a cozedura ao sol. A massa era colocada em formas rectangulares de madeira, o adobeiro ou adobela, com cerca de 55cm de comprimento, 40cm de largura e 25cm de altura, e rasada na parte superior para que ficasse completamente lisa e tomasse a forma de um paralelepípedo. Depois, por meio de umas pegas laterais, era desenformada e colocada em várias fileiras, no terreno aplanado, permanecendo a secar ao sol entre oito a quinze dias.

Os adobes já secos eram colocados nas carretas<sup>10</sup> e transportados para o local de construção, onde, no ponto mais alto do terreno, se tinha iniciado a abertura dos caboucos que, por vezes, consistia apenas numa pequena cavidade na terra.

O mestre, homem corajoso capaz de desafiar a lei da gravidade e com uma destreza própria de quem não teme, erguia as paredes, colocando os adobes em fiadas

---

**9** Nomes de alguns dos antigos mestres das zonas de Venda do alcaide, Palhota e Vale da Vila: José Bernardo Cavaleiro, Angelo António da Silva Cavaleiro, Lagarto, Zé Maneta, Braço Forte.

**10** Este processo podia ter a ordem inversa, pois era também comum que o barro extraído fosse imediatamente transportado para o local de construção, sendo aí que se procedia ao “amassadoiro”.



*Aspecto da disposição dos adobes.*

com as juntas verticais desencontradas, processo semelhante à construção com tijolos.

No pinhal, dois serradores encarregavam-se de cortar as madeiras necessárias para a cobertura da construção. Com a ajuda de uma “burra de serrar”, feita a partir da cabeça do pinheiro, iam cortando os barrotes, as ripas, as varas e as traves, que os proprietários iam buscar para que o mestre, também carpinteiro, pudesse colocar a estrutura do telhado. A madeira era também utilizada para as divisórias dos compartimentos interiores e para as portas e postigos das janelas. O restante material utilizado na construção era comprado em diversos locais da região: a telha de canudo, assim chamada por ter a forma de meia cana, era adquirida no forno do Montijo, as ferragens na drogaria em Pinhal Novo e a cal em pó num armazém que existia na Volta da Pedra, junto à entrada da vila de Palmela.

A construção em terra requer alguns cuidados no que diz respeito à sua conservação, assim, após a estrutura da casa estar completa, rebocavam-se as paredes com uma camada de argamassa de forma a torná-las lisas e regulares e caiavam-se para que ficassem protegidas das chuvas. Os beirados ligeiramente salientes tinham também esta função de protecção contra as agressões do tempo.

Sujeitos à grande pressão da cobertura, as casas tendiam a abaular. Para impedir esse efeito, durante a construção eram colocadas ferragens – “gatos de ferro”,



*Aspecto da disposição dos gigantes.*

“pés-de-galinha” ou “cruzetas” – presas à extremidade da viga com o objectivo de sustentar a parede. Mais tarde, a pressão contínua, obrigava também a que se erguessem gigantes ou contrafortes, pesadas estruturas de alvenaria, e que habitualmente suportam as paredes laterais e/ou traseiras da casa.

No final deste processo, que durava sensivelmente dois meses, resulta uma casa de planta rectangular com linhas direitas, telhado de duas águas, corpo vestido de cal e algumas, com uma barra de cor – azul, cinza, amarela – na base junto ao solo e em volta dos vãos.

Convidamo-vos agora a entrar na habitação. Observemos o seu interior.

A cozinha localiza-se, salvo algumas excepções, no lado direito da frente da casa, exactamente no ponto geográfico oposto ao castelo de Palmela. Tendo em conta, como atrás já foi referido, que é uma casa funcional, este é o espaço por excelência

da habitação, onde a família se reúne, se alimenta e se conforta ao calor da chaminé, nas noites frias de Inverno. Sendo considerada o “lar da casa”, é obrigatório que seja o compartimento que fique mais resguardado dos ventos fortes que sopram do lado das históricas muralhas.

Esta divisão tem apenas um acesso para o exterior<sup>11</sup>, através de uma pequena porta de madeira tosca, num vão sem cantaria, que corresponde à principal entrada da habitação.

É pois, *“na cozinha que se encontra o lar enquanto conceito estrito mas primordial de lugar onde se faz o fogo.”* (Fernando Galhano, 1985).

A lareira, construída ao nível do solo, situava-se comumente no canto inferior direito. Na esquina paralela, o poial onde se colocava o cântaro de barro com a água sempre fresca, e por baixo, coberto por uma cortina de chita, guardavam-se os utensílios de cozinha mais utilizados e por isso com um aspecto menos bonito, alguns condimentos que faziam parte da alimentação, como o azeite, e o petróleo necessário para acender os candeeiros. Os pratos e canecas mais vistosos eram colocados num escaparate, normalmente de cor verde, azul ou castanha. Uma pequena mesa com dois bancos, “mochos” (pequenos bancos de madeira tosca) de apoio à chaminé, e a máquina de costura, instrumento de trabalho imprescindível para a mulher, costureira da família, são outros elementos que compõem este espaço.

Por último, devido à inexistência de uma casa-de-banho, era também aí colocada uma pia, onde os habitantes faziam a sua higiene diária.

As imagens seguintes foram obtidas em 2004 numa casa ainda habitada no Vale da Vila. Embora com algumas diferenças, fruto da evolução dos tempos, mantém o seu aspecto tradicional, verificando-se parte dos elementos atrás descritos.

Uma porta interior dava acesso à sala ou “casa do meio”. Como o próprio nome indica este era apenas o local de passagem dos quartos para a cozinha. Porém, em ocasiões excepcionais – festas, enterros, ida do médico a casa – transformava-se na divisão mais importante, local pelo qual os convidados entravam e aí conviviam. Aqui encontramos a segunda e última porta de acesso ao exterior da habitação, e ao lado, uma pequena janela. Ambas as aberturas estavam sempre fechadas, à excepção dos momentos descritos.

---

<sup>11</sup> Posteriormente, tornou-se comum abrir um vão de janela para as traseiras da casa.



*Aspecto de uma cozinha no Vale da Vila, que ainda mantém os traços tradicionais.*

Duas a três arcas assentes em travessas de madeira, utilizadas para guardar o enxoval das filhas casadoiras, uma mesa de madeira e respectivas cadeiras, colocada no centro da sala, e algumas floreiras de pé alto, eram o mobiliário que preenchia esta divisão.

Por último, delimitados por finas paredes de madeira, encontramos dois pequenos quartos. A cada um corresponde uma pequena abertura para a “casa do meio”, coberta muitas vezes, apenas com cortinas de chita. O quarto dos pais situa-se à esquerda, por ser este ligeiramente maior. No outro dormiam as filhas. São divisões de reduzida dimensão, onde cabia apenas uma cama de ferro no quarto dos pais, ou a tarimba no quarto das filhas, uma cadeira para colocar o candeeiro a petróleo, o bacio (debaixo da cama), e uma colcha e tapete de retalhos. No quarto dos pais, encontramos regularmente uma pequena janela que dá para a frente da casa, para permitir que o homem pudesse fazer a vigilância nocturna. Por este mesmo motivo, era também ao pai que cabia o lugar da cama junto à abertura do quarto, sendo este ocupado pela mulher quando existiam bebés na casa. Nesses casos, a mãe, a quem

cabia tratar das crianças, poderia chegar mais facilmente ao berço de madeira, colocado ao lado da cama.

É muito raro encontramos aberturas para as traseiras da casa, verificando-se algumas vezes na cozinha, no quarto das filhas, e outras ainda, num terceiro quarto anexado à sala, construído para as filhas e filhos que acabados de casar, aí permaneciam junto dos pais.

Como eram famílias muito numerosas, a dimensão da habitação não permitia que todos os elementos da família dormissem no seu interior. Assim, considerando que as filhas tinham de ser resguardadas antes do casamento, cabia aos filhos dormirem em anexos exteriores, como a adega ou o celeiro.

*“E não tínhamos lençol. Era uma manta mais velha, é que tava lá, lá por baixo. Quem se fosse deitar mais cedo ia buscar o saco do farelo pá cabeceira. Era uma coisa macia (...)”*  
(Joaquim Cavaleiro, 2004)

Tal como o exterior, o interior era também muito sóbrio, com poucos ornamentos. A decoração cingia-se a papel colorido – que recortado com precisão e engenho, tomava diversos desenhos e formas, sendo depois pendurado nas paredes –, a pequenas recordações compradas nas feiras, e figuras de santos, especialmente da N<sup>a</sup> Senhora da Atalaia.

A limpeza do espaço consistia em salpicar de água o pavimento que era todo de barro, para que não levantasse pó, e em tirar as teias, por meio de um vasculho preso a uma comprida vara de madeira, dos recantos da cobertura, que sem forro, permitia que se dormisse a olhar as telhas. Para além destes procedimentos, anualmente, por altura da primavera, caiavam-se as paredes exteriores para que ficassem mais protegidas da acção da chuva, tornando ao mesmo tempos, a casa mais bonita perante o olhar dos vizinhos.

A casa rural não é apenas o local onde se habita, ela é concebida como um instrumento agrícola indispensável à vida campesina. À medida que os colonos iam adquirindo mais posses, crescia o número de anexos que serviam de suporte à economia doméstica. Construídos imediatamente ao lado da habitação, com acesso apenas pelo exterior, surgiam os arrumos das alfaias agrícolas indispensáveis à exploração da sua parcela de terra, a abegoaria, onde repousavam os animais, a adega, onde



*Aspecto do forno acoplado, de uma casa à entrada de Pinhal Novo.*



*Casa do forno nos Olhos d'Água.*

se fabricava vinho para consumo próprio ou para venda ao público, o celeiro, onde se guardavam os alimentos e a salgadeira, e o forno para a cozedura do pão. Este poderia ser acoplado às traseiras da casa ou na parede lateral da cozinha, locais mais protegidos das intempéries, ou então, construía-se um outro anexo, denominado por “casa do forno”, cujas paredes eram pintadas com oca, para que o negrume do fumo pudesse ser dissimulado.

Para completar este cenário rural existia o poço, o tanque, a pia para os animais, o cruveiro para o porco, o coradoiro, e na zona mais húmida do terreno, a horta, a vinha e a ceara, imprescindíveis para a pequena economia doméstica, sendo também que, alguns dos produtos hortícolas eram vendidos pelas “caramelas” nas ruas e feiras de Pinhal Novo, Palmela e Setúbal.



## DISTRIBUIÇÃO DAS CASAS CARMELAS

**“A casa popular é um dos mais significativos e relevantes aspectos da humanização da paisagem, em que, na sua grande diversidade de tipos, afloram, com popular evidência, numerosos condicionismos fundamentais – geográficos, económicos, sociais, históricos e culturais – das respectivas áreas e dos grupos humanos que as constróem e habitam.”**

(Oliveira e Galhano, 2000)

A ocupação do território pelos caramelos foi feita, segundo Orlando Ribeiro, de um modo individualista, visto que as casas eram construídas com uma distância considerável umas das outras, e algumas vezes, com a frente da casa para as traseiras dos aceiros que lhes davam acesso.

Apesar desta dispersão espacial que permitia proteger do olhar dos vizinhos a vida quotidiana, conclui-se, através das entrevistas realizadas, que os laços de vizinhança são muito fortes e contribuem fortemente para a reprodução social deste povo que enfrentou condições económicas tão adversas.

A matança do porco, a desfolhada, os casamentos<sup>12</sup>, a própria construção das casas contava com a participação de vizinhos e familiares, num sistema em que as pessoas davam para receberem, que Mauss denominou por dádiva e contra-

---

**12** Através das recolhas orais, verifica-se que grande parte dos namoros acontecia à escondida dos pais da rapariga. O casal aproveitava o caminho para o trabalho e o regresso a casa, para de forma discreta, trocar as juras de amor. Todavia, era também comum as mulheres engravidarem ainda antes do casamento. Nestes casos, a cerimónia (frequentemente apenas civil) era apressada para que a gravidez fosse escondida dos olhares alheios. O casamento consistia numa festa que se realizava na casa dos pais da noiva, para a qual eram convidados os familiares e amigos mais chegados. Os vizinhos mais próximos contentavam-se com a oferta de comida, confecionada propositadamente em maior quantidade por este motivo.

Mas, além de ser um momento de festa, era também um momento socialmente complexo. Ao anoitecer, na maior parte dos casamentos, realizavam-se as “Buzinas”, que consistiam num ritual em que um grupo de pessoas, escondidas pela escuridão da noite, fazia barulhos ensurdecadores perto da casa onde se celebrava, gritando, com a voz alterada para não ser reconhecida, defeitos e actos moralmente criticáveis da noiva. *“Quando era o Sábado ou ao Domingo quando havia um casamento, né?, era tantos búzios, tantos búzios... Ódepois apitavam: uh, uh...”* (Adélia dos Santos Ratão, 2003)

Era um momento muito angustiante e ainda hoje, as mulheres com quem falámos, mostram-se chocadas com tal episódio.

dádiva, e considerou ser a base da racionalidade dos sistemas de trabalho. Porque a migração, feita nestes moldes de uma sociedade campezina pobre, implica o desconhecimento e a imprevisão do futuro. Assim, quando se matava um porco, a carne era distribuída por outros, sabendo que, quando estes matassem o seu animal, também eles teriam direito ao seu quinhão. O mesmo sucede com os restantes exemplos dados, nomeadamente na construção da habitação, árdua tarefa que necessitava de muita mão-de-obra, pois o facto de uma família contar com a ajuda dos vizinhos obriga socialmente a que se disponham também a ajudar.

A ocupação individualista foi dando lugar, ao longo do tempo, a diferentes núcleos que compõem actualmente o nosso território concelhio. Para a evolução deste processo de ocupação contribuiu, ao longo das gerações, o crescimento do agregado familiar, pois filhas e filhos construíram as suas casas no próprio terreno dos pais, ou em terrenos vizinhos. Este facto é perfeitamente visível pelas relações familiares que todos estes núcleos encerram, tal como se verifica, por exemplo, na Palhota, onde as casas mais próximas de um indivíduo pertencem a irmãos, primos ou tios.



É a estas pessoas que queremos agora agradecer, por terem, pacientemente, contribuído com os relatos das suas vidas, para o estudo do povo e da casa caramela e para o entendimento da importância deste património arquitectónico vernacular na história da região.

Após a leitura deste artigo, convidamo-vos a passear pelos caminhos do concelho e, atentamente, observar a paisagem para descobrirem estes lugares de memória... Casas de terra que nos olham silenciosamente, algumas escondidas por entre o mato que cresce selvagem, poucas, as que ainda persistem vivas, com fôlego para respirar e resistir ao tempo que passa.

**Teresa Melo Sampaio**  
*Técnica Superior do Museu Municipal de Palmela*

# CONSTRUÇÕES DE TERRA. QUE FUTURO?

As construções feitas de terra crua datam de há milhares de anos atrás; encontrando-se no período do Paleolítico os primeiros vestígios da utilização deste tipo de material. Fruto da herança de saberes e técnicas, persistem até ao nosso tempo, existindo actualmente cerca de 200 milhões de pessoas no mundo que ainda habitam paredes de barro.

Portugal também contribuiu para a difusão deste tipo de construção para lá das suas fronteiras continentais, visto que as construções no Brasil, no período colonial, são essencialmente feitas de terra.

Todavia, após o surgimento do tijolo cozido, incentivado pela sociedade industrial há mais de três séculos atrás, surgiu o preconceito e a desvalorização deste material natural, associando-o à pobreza.

Em Palmela, tal como nas restantes regiões rurais de Portugal que utilizavam a terra como material por excelência para as suas habitações, foi na 2.<sup>a</sup> metade do século XX que estas construções entraram em declínio. A desvalorização do mundo rural e o grande fluxo migratório para os centros urbanos, foram as grandes causas.

Mas, em 1973, a grande crise de energia eléctrica iniciou uma nova era de preocupações ecológicas e de mudança de mentalidade, fazendo de novo renascer o interesse pela terra como material importante para a solução de problemas de carácter ambiental e económico.

No final do século XX esta problemática deu origem a uma série de organizações que têm como grandes objectivos, conservar, valorizar e difundir esta arquitectura milenar, disponibilizando cursos de formação específicos no âmbito da arquitectura da terra (Eco-Arquitectura). Falamos da Habiterra que posteriormente deu lugar ao projecto Proterra, a Craterra-Gac, o ICCROM, a Oikos, entre outras.

Embora ainda de forma ténue, esta nova maneira de olhar e agir no mundo vai ganhando adeptos e certezas, constituindo uma alternativa válida para o desenvolvimento sustentável que encontra na própria natureza a solução para os problemas ambientais e económicos, consequentes da acção do homem no mundo.

Este facto deve-se às inúmeras potencialidades técnicas e arquitectónicas da utilização da terra crua em construções. A terra é um material de qualidade, inesgotável, durável, disponível em qualquer lugar, de baixo custo económico e energético, e que proporciona construções seguras e saudáveis. No lémen, por exemplo, existem edifícios de 10 andares, totalmente construídos em adobe.

A inércia térmica, que actualmente é encarada como um conforto em qualquer habitação, só é adquirida nos dias de hoje através de complexos meios artificiais que além de causarem problemas de saúde são, sobretudo, muito dispendiosos. Nas habitações tradicionais, bastam espessas paredes de terra, para que esse efeito seja alcançado.

Os grandes inconvenientes inicialmente apresentados à utilização da terra para a construção de habitações, eram a humidade e a reacção aos sismos. Todavia, o resgate desta arquitectura, deve obrigatoriamente ser aliado às novas tecnologias que a evolução da engenharia proporcionou, existindo actualmente soluções para estes problemas através da modernização do emprego deste material.

Mas os argumentos para a globalização da arquitectura de terra não se ficam por aqui. Para além das evidentes vantagens económicas, a utilização dos recursos locais traduz-se num respeito pelo meio físico e cultural de cada região, rasgando as fronteiras da dicotomia entre natureza e cultura, surgindo um novo conceito de paisagem cultural, em que o homem, a natureza e a sua acção sobre a mesma, são indissociáveis.

E há quem vá mais longe nas propostas de utilização deste material. Nader Khalili, um importante arquitecto da América do Norte, desenvolveu um sistema construtivo denominado por "Ceramic Houses", que tem apenas por base os quatro elementos naturais: a terra, o ar, a água e o fogo. Reconhecendo a validade destas

construções, a NASA convidou-o para arquitectar habitações de futuro no espaço lunar, a que Khalili deu o nome de “Magma Structures”, feitas de adobes.

## CONSTRUÇÕES DE TERRA. QUE FUTURO?

A construção em terra pode contribuir definitivamente para solucionar os problemas económicos e ambientais e deve ser encarado como o material mais adequado para fazer frente às carências da sociedade actual, a que os materiais de fabrico industrial não podem responder.

Por oposição ao tradicional monólogo que o ser humano tem tido consigo mesmo ao longo dos anos, está a surgir uma consciência ecológica cada vez mais premente, que passa por um diálogo permanente entre o homem, o lugar, e o conhecimento. Para concluir, apresentamos a lista de países, com edifícios totalmente ou parcialmente construídos em terra que foram classificados pela **UNESCO**<sup>13</sup>, como Património Mundial:

Algéria	El Salvador	Mauritânia	United Kingdom
Azerbaijão	Espanha	México	EUA
Benin	França	Marrocos	Uruguai
Bolívia	Guatemala	Nepal	Peru
Brasil	Irão	Oman	Síria
China	Japão	Paquistão	Tunísia
Costa Rica	Líbano	Coreia	Uzbequistão
Cuba	Madagáscar	Turkmenistão	Venezuela
Equador	Mali	Uganda	Yemen

e **Portugal**, respectivamente os centros históricos de Angra do Heroísmo, de Évora, do Porto e de Guimarães.

---

**13** A UNESCO criou em finais de 1972 uma Convenção para a Conservação do Património Mundial, Cultural e Natural. Esta convenção, composta por 21 países, é responsável por classificar parte do património do mundo que, pelas suas características únicas e originais, deve ser valorizado e conservado, enquanto património de todos nós.

# BIBLIOGRAFIA

**Actas da 1ª Eira Folclórica da Região Caramela.** Pinhal Novo: 20 e 21, Março, 1999, Rancho Folclórico da Casa do Povo de Pinhal Novo, 1999.

**Actas da 2ª Eira Folclórica da Região Caramela.** Lagameças: 2 e 13, Fevereiro, 2000, Rancho Folclórico “Os Fazendeiros” das Lagameças, 2000.

ALARCÃO, Alberto – **Êxodo Rural, Migrações e Desenvolvimento Regional.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Centro de Estudos de Economia Agrária, 1963.

ALEGRIA, José Alberto – **Itinerários da terra: inventariar o património de arquitectura em terra: contributo para um inventário no coelho de Silves.** Faro: Comissão de Coordenação da Região do Algarve, D.L., 2002.

ANDRADE, Paula Maria Cruz – **Pinhal Novo: movimentos migratórios dos “caramelos”, povoamento e construção de uma identidade cultural.** Pinhal Novo: Junta de Freguesia de Pinhal Novo, “Colecção Origens e Destinos, nº 10”, 2009.

BAPTISTA, Fernando Oliveira – **Agricultura, Espaço e Sociedade Rural.** Coimbra: Fora do Texto, 1993.

CABRITA, José António – **Entre a gândara e a terra galega.** Pinhal Novo: Junta de Freguesia de Pinhal Novo, “Colecção Origens e Destinos, nº 2”, 1998.

\_\_\_\_\_ – **José Maria dos Santos. E antes de “grande agricultor?”**. Pinhal Novo: Junta de Freguesia de Pinhal Novo, “Colecção Origens e Destinos, nº 3”, 1999.

\_\_\_\_\_, SOUSA, Aníbal – **Rio Frio, retrato de uma grande casa agrícola**. Pinhal Novo: Junta de Freguesia de Pinhal Novo, “Colecção Origens e Destinos, nº 8”, 2006.

**Casa Tradicional Alentejana**, Serpa: Escola Profissional de Desenvolvimento Rural, 2000.

Centro de Arte Moderna José Azeredo Perdigão, **Arquitecturas de Terra – ou o futuro de uma Tradição Milenar/Europa – Terceiro Mundo – Estados Unidos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

“Como construir a Memória. Um recurso para a Escola” in **Boletim +Museu**, nº 3, 2004 (separata). Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2004.

Comunicações apresentadas na XIII Semana de Estudos – **Património Edificado Novas Tecnologias. Inventários**. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2002.

Comissão de Coordenação da Região Centro. Alliance Française de Coimbra. Museu Monográfico de Coninbriga, **Arquitectura de Terra – Trunfos e potencialidades dos materiais e tecnologia lógica do restauro. Actualidade e Futuro**. Conímbriga, 1992.

CORREIA, Estela Conceição – **O que nos dizem os Bordados. Sobre um Acervo Têxtil de uma casa Caramela**. Lisboa: ISCTE, 2007. Dissertação de Mestrado em Museologia: conteúdos Expositivos.

CRAVO, João Manuel – **Arquitectura Ecléctica Portuguesa (1890-1930)**. Lisboa: Universidade Técnica, 1998.

DIAS, Mário Balseiro – **Círios de Caramelos**. Pinhal Novo: Junta de Freguesia de Pinhal Novo, “Colecção Origens e Destinos, nº 4”, 2000.

DIAS, Jorge, GALHANO, Fernando, OLIVEIRA, Ernesto Veiga de – **A Região e a Casa Gandra**. Porto: Imprensa Portuguesa, 1959.

FARINHA, Tiago, et al – **As Casas Caramelas. Arquitectura e História da Construção**. Junho, 2004 (policopiado).



FORTUNA, António Matos (1930-2008) – **Memórias da Agricultura e Ruralidade do Concelho de Palmela**. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 1997.

\_\_\_\_\_ – **Marateca que já foi. Relato de antiguidades, curiosidades e vulgaridades, todas, porém, realidade de uma freguesia que é Mar ou Teca de velhas novidades**. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, “Coleção Estudos Locais, nº 5”, 2002.

\_\_\_\_\_ – **Quinta do Anjo Terra Singular**. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, “Coleção Estudos Locais, nº 6”, 2005.

GALHANO, Fernando – **Desenho Etnográfico de Fernando Galhano**. Lisboa: Instituto de Investigação Científica e Centro de Estudos de Etnologia, 1985.

**Horta Faial – Inventário do Património Imóvel dos Açores**. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2003.

JANEIRO, Carlos Alberto Reis – **A casa e a migração das formas**. Lisboa: Universidade Lusíada, 1998.

**Memórias de Pedra e Cal** – Vila Franca de Xira: CM de Vila Franca de Xira, 2001.

MESTRE, Vítor – **Levantamento da Arquitectura Popular do Arquipélago da Madeira – Bases para a sua reabilitação enquanto Património Cultural**. Évora: Universidade de Évora, 1997.

MIGUEL, M. Fernando dos Santos – **Migração do povo da Beira Litoral para a região de Setúbal (zona caramela)**. Cantanhede: Rancho etnográfico de danças e cantares da Barra Cheia, 1985.

MOUTINHO, Mário – **A arquitectura Popular Portuguesa**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995 (1979).

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando – **Arquitectura Tradicional Portuguesa**. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALAHNO, Fernando, PEREIRA, Benjamim – **Construções Primitivas em Portugal**. Lisboa: Instituto da Alta Cultura e Centro de Estudos de Etnologia, 1969.

RIBEIRO, Orlando, LISBOA, J. Ribeiro – **As transformações do povoamento e das culturas na área de Pinhal Novo**. Pinhal Novo: Junta de Freguesia de Pinhal Novo, “Coleção Origens e Destinos, nº 1”, 1998.

RIBEIRO, Orlando – **Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, Coleção “Nova Universidade”, 1998.

ROSENDO, Maria Teresa coord. – **Memórias de Ferroviários de Pinhal Novo. Para a história da Vila e da Comunidade Ferroviária**. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, “Coleção Estudos e Projectos Municipais, nº 7”, 2003.

SAMPAIO, Teresa – “Memórias do habitar – Arquitectura e Vivência Caramela” in **Boletim +Museu**, nº(s) 4 e 5, 2005. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2005.

SAMPAIO, Teresa – **A apropriação do apelativo Caramelo na construção identitária de Pinhal Novo**. Lisboa: ISCTE. 2009. Dissertação de Mestrado em Antropologia: Patrimónios e Identidades.

SOUSA, Anibal Guerreiro de – **“Atalaia, Círios e Caramelos”** in Colóquio de Folclore do Distrito de Setúbal, Barra Cheia-Moita, 1993 (30 de Janeiro).

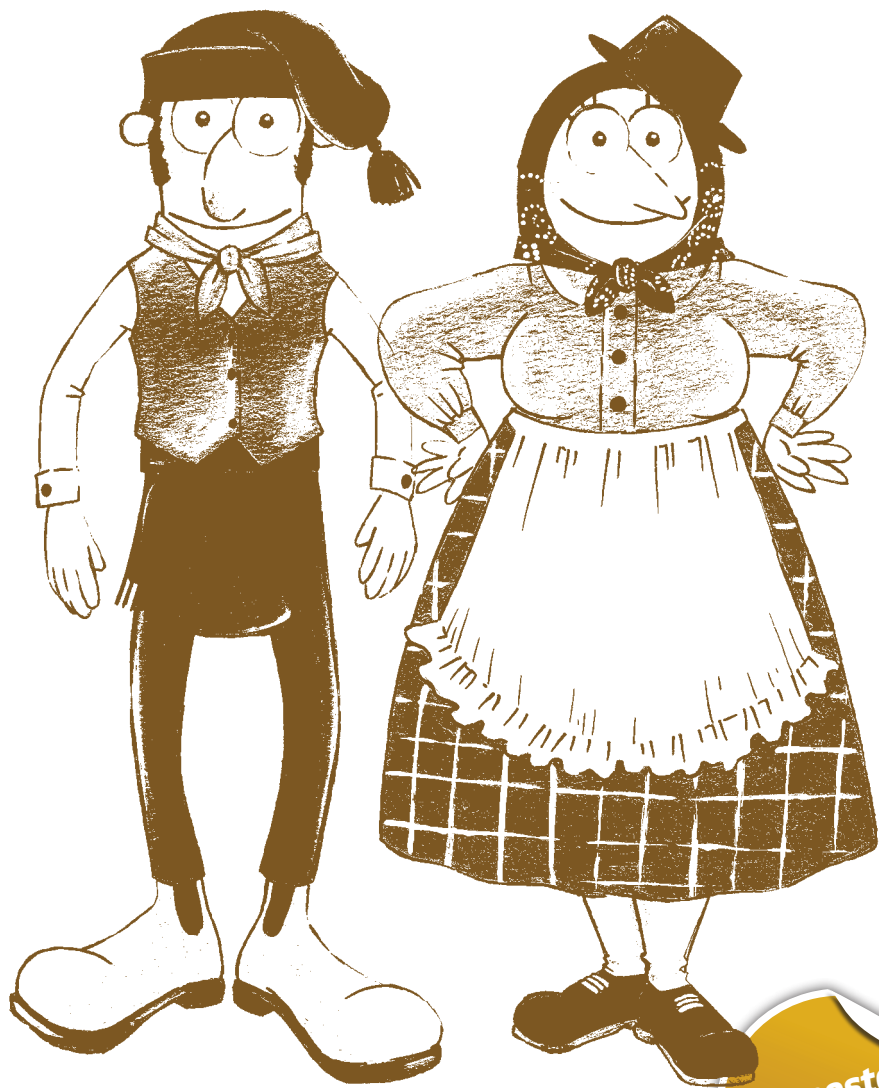
TEIXEIRA, Gabriela de Barbosa, BELÉM, Margarida da Cunha – **Díálogos de Edificação – Técnicas tradicionais de construção**. Porto: CRAT, 1998.

TOSTÕES, Ana, et al – **Arquitectura Popular dos Açores**. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2000.

VIDIGAL, Luís – **Os Testemunhos Oraís na Escola. História Oral e Projectos Pedagógicos**. Porto: Edições Asa, 1996.

#### **Audiovisual:**

- Arquivo de Fontes Oraís do Museu Municipal de Palmela.



Propostas  
de  
Trabalho

# ***Os Caramelos***

## PROPOSTA DE TRABALHO **A** (anexo 1)

### **HISTÓRIA INFANTIL “RAFAEL O MENINO QUE SE TORNOU CARAMELO”**

Através de estratégias de leitura e compreensão, em grupo ou individualmente, procurar identificar a ideia central do texto, personagens e conceitos base.

O texto pode ainda ser explorado de forma dramática, através da encenação de uma peça colectiva.

## PROPOSTA DE TRABALHO **B** (anexo 2)

### **ORIGEM DE PINHAL NOVO**

Convidamos-te a explorar o cd: “Os caramelos na origem de Pinhal Novo”, que nos conta a história da freguesia de Pinhal Novo e o seu desenvolvimento até aos nossos dias. Pelo caminho encontraremos os trabalhadores rurais que neste território se foram fixando e a quem apelidaram de Caramelos.

## PROPOSTA DE TRABALHO **C** (anexos 3 e 4)

### **O TRABALHO NO MUSEU**

Nesta proposta de trabalho convidamos-te a assumir o papel de um técnico do Museu Municipal de Palmela que, entre várias outras coisas, investiga o património material do concelho. Este património pode ser móvel, no caso de peças que se possam fazer deslocar de um lado para o outro, ou imóvel, como os edifícios.

A investigação passa por uma série de etapas que se complementam e que têm como objectivo conhecer o melhor possível o objecto de estudo. Para tal foram criadas Fichas de Inventário onde o investigador regista a informação recolhida. Assim, além da informação estar devidamente organizada, não corremos o risco de a perder.

A partir de um objecto e de uma casa, à tua escolha, preenche as Fichas de Inventário, para que possas tu também contribuir para o estudo do património do concelho.

## PROPOSTA DE TRABALHO **D** *(anexos 4, 5 e 6)*

### **ARQUITECTURA DE TERRA**

1. Convidamos-te a observar, no cd “Arquitectura de Terra”, construções que assumem diferentes formas, dependendo do clima, geografia, cultura e história de um território. Depois propomos-te que reflectas, com os teus colegas, sobre a importância que a construção em terra tem ao longo da história, e que abordes a importância ecológica deste tipo de arquitectura para o desenvolvimento sustentável do mundo.
2. Será que já estão aptos a descobrir, de entre várias hipóteses, quais as construções em terra na Ficha de trabalho: Descobre as Casas de Terra?
3. Finalmente, tal e qual arquitectos, convidamo-los a desenhar, na Ficha de Trabalho respectiva, a vossa casa e uma casa de tipologia caramela. Depois comparem as diferenças.
4. Esta maleta tem ainda vários dos materiais são utilizados na construção em terra. Descobre-os com os teus sentidos.

## PROPOSTA DE TRABALHO **E** *(anexo 8)*

### **VESTUÁRIO CARAMELO**

O vestuário muda ao longo do tempo em função das profissões, tecidos disponíveis no mercado, condição social de cada pessoa.

Como sabem, os caramelos eram essencialmente trabalhadores rurais e como tal trajavam roupa adequada às tarefas inerentes ao trabalho da terra. As mulheres, por exemplo, levantavam a saia até à altura do joelho e vestiam um avental para não sujar a roupa. Tanto homens como mulheres cobriam a cabeça com chapéus

e lenços para se protegerem das agressões do sol. As roupas eram usadas durante muito tempo e quando se rasgavam eram feitos remendos que tapavam os buracos.

1. A partir das ilustrações do rapaz e rapariga caramela, recorta e cola as peças de vestuário, vestindo-os.
2. Nesta maleta poderás ainda encontrar tecidos, botões, fechos, elásticos, linhas e outros materiais utilizados pelas costureiras na confecção de vestuário. Encontra ainda vários modelos, em miniatura, de roupa de homem e mulher.

## PROPOSTA DE TRABALHO **F** (anexo 9)

### **GASTRONOMIA CAMELA**

Os trabalhadores rurais viviam na generalidade com muitas dificuldades económicas. Essas dificuldades reflectiam-se também na alimentação e as refeições, embora consistentes, não eram muito variadas. Alimentavam-se essencialmente à base de sopa, feita com os legumes colhidos na horta; e raras vezes à base de carne, sobretudo de porco, resultado da matança anual do animal cujo conduto era guardado nas salgadeiras para ser consumido ao longo do ano.

No Natal, nos casamentos e por altura do nascimento de um bebé, comia-se canja de galinha. O peixe, que na altura era muito abundante e barato, também fazia parte da alimentação.

Num dia de trabalho, que durava desde o nascer até ao pôr-do-sol, as pessoas faziam habitualmente 4 refeições. A primeira, o **mata-bicho**, consistia em pão com toucinho ou chouriço, acompanhado de café.

Ao **almoço**, entre as 10h e as 11h, os trabalhadores alimentavam-se normalmente de feijão, massa e toucinho. Estes ingredientes eram transportados pelos próprios em pequenas talegas, que eram depois deixadas na cocaria para que o coque os pudesse cozinhar, juntando-lhes água. Algumas vezes almoçavam bacalhau assado, ou outro peixe da época. Havia, no entanto, diferenças substanciais entre os trabalhadores que já viviam na região e os que vinham nos ranchos. Estes últimos alimentavam-se numa cocaria à parte e a refeição era feita sobretudo de migas de milho.

A meio da tarde havia o **jantar**, à base de pão e conduto.

À noite, antes de dormirem, era feita a **ceia** que consistia frequentemente na sopa caramela, preparada ao lume da chaminé. Este era, também, o jantar de eleição dos ranchos.

Convidamo-los a repetirem algumas das receitas que integram o Livro de Receitas, pedindo ajuda aos vossos pais.

## PROPOSTA DE TRABALHO **G** *(anexo 10)*

### **JOGOS E BRINQUEDOS TRADICIONAIS**

Através do que já estudaram aperceberam-se que as crianças caramelas tinham que começar muito cedo a trabalhar, para ajudar no sustento da casa. Todavia, tal como todas as outras crianças, aproveitavam os momentos livres para brincarem.

Aqui, apresentamos alguns dos jogos e brinquedos tradicionais que recolhemos, também com a contribuição do Museu Escolar de Marrazes.

Desafiamo-vos a recriá-los na vossa escola ou nas vossas ruas. Alguns provavelmente reconhecerão, outros não, e com toda a certeza poderão acrescentar a esta lista outros mais, que fizeram parte da infância dos vossos pais ou avós.

# FICHAS DE AVALIAÇÃO DA MALETA PEDAGÓGICA

*(anexos 11 e 12)*

A opinião dos professores e alunos que requisitam os recursos pedagógicos que o Serviço Educativo disponibiliza é muito importante para o entendimento do trabalho que desenvolvemos. Nesse sentido, solicitamos que preencham as Fichas de Avaliação da Maleta Pedagógica (professores/educadores e alunos), indicando sugestões de melhoria relativamente aos conteúdos e às propostas de trabalho que apresenta.

**OBRIGADO!**



Município  
***Palmela***  
[www.cm-palmela.pt](http://www.cm-palmela.pt)